

# PORTUGALIA

REVISTA DE TRADIÇÃO, CULTURA E RENOVAÇÃO NACIONAL

VOL. I

MARÇO DE 1926

N.º 6

## Grangeio do patrimonio

### A ESTRADA ANTIGA

Em 1773, nasceu em Genebra João Carlos Leonardo Simonde de Sismondi, homem de elevado espirito e alta nobreza de animo, que enriqueceu as letras com obras duradoiras, entre as quaes sobresahe a sua *Historia das Republicas Italianas na Idade-Media*.

Trez annos após o nascimento de Sismondi, em 1776, proclamava Smith o novo e formidavel evangelho da *Riqueza das Nações*, tabuas da lei nova de liberdade economica, concorrência, divisão do trabalho e mais capitulos do famoso *laissez faire*, doutrina magnificamente apropriada á Revolução Industrial mecanica incipiente, e logo por ella adoptada com enthusiasmo. Admiravelmente a servia; se é que não era ella que por secretos instinctos a segredava e impunha.

Sismondi, crendo que o vulgo tardava a conhecer e apreciar «todas as verdades fundamentaes que deviam servir de regra aos legisladores» e «o profundo auctor do *Tratado sobre a Riqueza das Nações* havia reconhecido» acode a applaudi-las e dissemina-las. Em 1803, na sua *Riqueza Commercial*, ingenuamente traduziu em titulo mais suggestivo a *riqueza das nações* do mestre que o guiava.

Dezaseis annos depois, em 1819, Sismondi visitou a Inglaterra, e lá se lhe converteu em desengano o encanto. Perante a crise financeira e industrial que encontrou, sem embargo da vigencia plena das leis smithianas, perante os salarios miseraveis; a confusão de todas as relações eco-

nomicas, os motins da praça publica, e a inquietação geral dos espiritos determinada por signaes lugubres, o humanista, que entretanto aprendera a considerar o valor humano dos factos economicos, faz acto de contricção. Agora protesta contra a doutrina que crêra e apregoára. Em os *Novos Principios de Economia Politica*, Sismondi revolta-se contra o imperio desapiadado da obsessão das riquezas e procura o restabelecimento de uma economia fundada em bases menos precárias para a felicidade humana do que essas, demonstradamente traiçoeiras em que os impulsos smithianos haviam assentado a morada das suas calamidades.

Mal recebido pelos economistas, segundo o proprio Sismondi reconheceu, porque «atacava uma orthodoxia, emprehendimento tão perigoso em philosophia como em religião», esse livro pretendia que a sciencia se havia inclinado demasiadamente á mera chrematistica. Estudando exclusivamente os meios de accrescentar a riqueza e cuidando pouco da arte de a usar em beneficio commum, a sciencia smithiana acabava por tornar mais ricos os ricos, e mais pobres os pobres, e mais dependentes.

Isto concluiu Sismondi de desgraças, em seu entender suscitadas pela vigencia dos principios smithianos—porventura attribuindo tudo a effeito e erro de theoria e não contando com a revolução mecanica concomitante, para a qual a theoria havia sido mais o complemento especulativo do que o propulsor pratico inicial.

Se, porém, perguntavam a Sismondi pelo remedio, elle, socialista apenas pelas noções moraes que o socialismo subentende, mas entretanto manifestamente avesso á proposta e recommendação de planos socialistas, respondia pela declaração de impotencia que ficou celebre: — «Confesso que depois de haver indicado onde está o principio, onde está a justiça, não me sinto com força para traçar meios de execução. Parece-me viciosa a distribuição dos fructos do trabalho entre aquelles que concorrem para o produzir; mas parece-me quasi superior ás forças humanas *conceber um estado de propriedade absolutamente differente daquelle que a experiencia nos fez conhecer.*»

Todavia, entrando a considerar os problemas da população, e particularmente a condição dos lavradores, Sismondi presente reinos menos sombrios do que esses do seu tempo, entenebrecidos pelo industrialismo; e não occulta a sympathia com que os contempla. Imagina que o systema de grangeio patriarchal, onde o lavrador é conjunctamente o proprietario, ajudado pela familia na cultura da terra —presuppondo este systema a lei da divisão igual dos bens entre os herdeiros naturaes— este

é o mais efficaz para nos acautellar contra o desmedido desenvolvimento da população. Neste caso o pae avalia capazmente os recursos com que os filhos podem contar, e determina o estado de divisão da familia compativel com a manutenção da sua posição social. Se ha filhos além deste limite, não se casam ou escolhem entre si o que ha-de casar-se e continuar a familia.

Na universidade, o meu professor de economia politica, smithiano, como convinha ao seu tempo, passava de leve pelo nome de Sismondi. No seu conceito, esse homem representaria, provavelmente, uma influencia minima no conhecimento das leis da economia politica — leis que elle, o professor, considerava subsistentes, de bronze. Agora, volvidos perto de cincoenta annos de experiencia de desenganos e ruinas, não será de todo absurdo ver em Sismondi um precursor, de singular ponderação e honestidade.

Tudo quanto ao certo sabemos em materia economica, foi presentido e esboçado por Sismondi: — a necessidade de crear riquezas para os homens em vez de crear homens para as riquezas, como insensata e prodigamente temos usado; a desillusão de leis especulativas e invariaveis e a desgraça de nos confiarmos a semelhantes mandados, exemplificada e duramente provada nas calamidades da Revolução Industrial mecanica; e, sobretudo, a impossibilidade de «conceber um estado de propriedade differente daquelle que a experiencia nos fez conhecer.» Accrescendo—que o mais efficaz instrumento de moderação das angustias dos problemas da posse e distribuição das riquezas se achará no velho regimen de grangeio da propriedade em systemas patriarchaes, baseados na partilha igual entre os herdeiros. Não será isso o Paraíso, evidentemente, pois os paraísos são poiso e conto da lenda poetica. Mas é, manifestamente, o menor mal, a menos ruim das condições que as sociedades teem inventado e vivido, embora as sociedades e os seus prophetas hajam dado com a cabeça pelas paredes á procura de coisa melhor.

Quando a escola historica verificou a multiplicidade dos elementos que concorrem na formação de todo e qualquer phenomeno economico, ainda o mais pequenino, as leis economicas simplistas de applicação universal cahiram no occaso e as suspeitas de Sismondi tornaram-se em evidencias.

Dessa escola foi mestre o celebre Cliffe Leslie, e este dizia: — «Hoje, a condição economica da sociedade é o resultado do movimento conjugado que derivou da constituição politica, da estrutura da familia, das

formas da religião, das profissões que demandam habilitação própria, das sciencias e do estado da agricultura e das industrias e do commercio. O methodo philosophico da economia politica será o que expõe esta evolução. Tem de ser historico e traçar as ligações das phases economicas e das outras da historia nacional. Os phenomenos de riqueza poderão ser objecto de investigações especiaes de uma classe especial de investigadores, mas as leis da existencia e sequencia, pelas quaes são governados, hão de procurar-se na grande sciencia da sociedade e pelos methodos que ella propõe.»

Cliffe Leslie morreu em 1882. Já então, como as suas obras claramente significam, iamos longe da rigidez dos principios absolutistas que inflammaram a dissolução dos vinculos de cohesão e solidariedade economica anteriores á sua acção e predominio. Com a escola historica começou a formar-se a atmospheria de certa luz velada na qual fluctua um vago amorphismo economico, transformando na pluralidade de creações, ligações e dependencias economicas aquella rigidez das crystallisações, na qual sonhavam as *situações*, infinitamente variaveis, reguladas por *leis*, intransigentemente inflexiveis. Até que chegados foram nossos dias, e seguindo os principios economicos a sorte de todos os principios, não excluindo muitos que se orgulhavam de certeza mathematica, eis que se verifica que a immutabilidade é um mytho perigoso, tudo em a natureza e a nossa alma é movimento, e mal aqui surgiu uma forma, logo outra lhe succede, ou a modifica e corrige e altera, quando não a dissolve e immediatamente a substitue por outra opposta.



A arte medica, na influencia ingente dos diversissimos elementos e forças do seu ambito, educada e esclarecida pela pressão e tumulto das variadas instancias com que se vê obrigada a lidar, ha muito concluiu que «ha doentes, não ha doenças.» Esse preceito, porém, que pareceu restricto ao governo singular de uma limitada ordem de phenomenos physiologicos, foi apenas a inspirada antecipaçaõ da soberania dos principios de relatividade que agora dominam toda a representaçaõ da vida, de or'avante concebida em termos de fluidez, tal qual a consciencia da alma humana na mutabilidade incessante da sua aspiraçaõ.

«Ha doentes, não ha doenças». Como ha amores, não ha amor; e ha ciumes, não ha ciume; ha nações, não ha nação; e ha artes, não ha

arte. Ha industrias, não ha industria; ha lavouras, não ha lavoura; e ha economias, não ha economia. O principio de continuidade e da flexibilidade, este modo de ser cósmico no qual em toda a conjunctura os residuos e a lembrança do passado e os impulsos de renovação se completam e exprimem na continuidade de uma vibração cujo unico caracter permanente, e signal de intensidade e perdurabilidade, é a propria mutabilidade, incessantemente eliminando e recompondo; esta presença constante e invariavel de um movimento veio substituir em [nosso entendimento a acção e obsessão do absoluto, especulativo ou pratico, o fetichismo do invariavel e definitivo, a dureza ingrata do rigor e da fatalidade, pesadelos temerosos e auctores de escravidões que realidades inflexiveis se encarregaram de resgatar e punir. Muitas se pagaram caras.

A economia não escapa nem nem pode escapar á lei suprema que desfaz em pó os codigos formidaveis de leis concebidas no alheamento da consideração da vida na sua fugidia integridade e na infinita multiplicidade das suas attitudes e combinações. Sonhou-se uma economia atómica, quando a economia tem de lidar com creações activas syntheticas e, se a elementos simples procura reduzir-se, a si mesmo se destroe.

Porque ha economias, não ha uma economia. A economia, as relações nos homens com as coisas e com a arte de as produzir, transformar, juntar e usar, muda de clima para clima, de continente-para continente, de terra para terra, de povo para povo, de vontade para vontade, de aptidão para aptidão, de vocação para vocação, de freguezia para freguezia, de rua para rua, da mocidade para a velhice, de tempo para tempo, senão de hora a hora: um ribeiro lhe altera a face, um accidente geologico a obriga a determinada organização, como o accidente meramente pessoal funde uma industria ou estabelece um commercio. Sempre e em todo o espaço resultando da conjuncção de forças innumeraveis, a economia individualisa-se; e é diversa de palmo a palmo do chão em que se funda e move, e adoece e morre se tentarmos comprimi-la em formulas universaes. Sujeita-la ao imperio de preceitos unicos e hirtos, uniformisa-la, é constringe-la e mutila-la; e á medida que a mutilação alastra, accentuam-se as deformações até á monstruosidade e corrupção total. O que resta de commun e invariavel, em meio da mutabilidade, será tão pouco que por escassez não chega para constituir fundamento de character e razão de governo. Confiar ao que ha de commun em toda a forma de economia o governo concreto dos factos economicos, o mesmo seria que tratar igualmente o homem e o tigre, e o javali e a

rôla, sómente porque todos respiram o ar atmosphérico, e teem pulmões e sangue, e morrem se lhes falta o ar, ou se os pulmões adoecem, ou se lhes tiramos o sangue.



«Creio que foi um escriptor americano quem notou que o homem pode mudar de roupas, de politica, de mulher, de philosophia, mas não pode mudar de avós. O homem não existe de per si; é a recreação do passado e o reflexo do ambiente. E a mesma coisa pode com razão dizer-se da aggregação de individuos designada pelo nome de nação.»

Isto escreveu um dia o mallogrado e illustre ministro do Japão Takashi Hara, e isto será de cogitar em materia da actividade essencial das nações a que chamamos a sua economia.

Precipitados no cahos pela violencia dos *principios* aos quaes recorremos para organizar a economia, o unico fio a que podemos ater-nos para nos salvarmos de completo naufragio será a obediencia aos avós, será aquelle modo de ser a que a insensatez orgulhosa chamou desdenhosamente rotina, será o empirismo na sua desataviada robustez — isto é, a experiencia dos factos mais assiduamente verificados e repetidos, depois de nos isentarmos da pretensão de os enfeixar em leis, e previamente renunciando, não diremos já a penetrar o mysterio das causas finaes, mysterio cujo reconhecimento vem na base da mais elementar sabedoria, mas apenas o mysterio de combinações tangiveis muito proximas de nós, das quaes perdemos a flôr sem nos sentirmos auctorisados a tocar-lhes na raiz, e muito menos sem nos propôrmos ageitá-la aos caprichos do nosso engenho. Se não queremos arriscar gravemente a estabilidade economica de que a fortuna das nações não prescinde, teremos de respeitar-lhe as raizes ancestraes e fugir de nos cegar com a descoberta de leis imaginarias, onde só e obscuramente subsiste o facto, na inteireza indivisivel de creações espontaneas que nos cumpre respeitar.

Walter Bagehot affirma que não é pouco «em cada geração expôr a verdade antiga, nos modos que essa geração requiere; expôr a resposta antiga ás antigas difficuldades; transmittir, onde não se possa descobrir; convencer, onde não se invente; traduzir em linguagem de vida as verdades que primeiro foram descobertas pelos mortos.» Assim, no tumulto das ruinas e reconstrucções theoricas e praticas do nosso tempo, o mais conveniente, senão o mais urgente, será apenas lembrar as verdades antigas. O bom senso, deixando perigosissimos atalhos de felicidade

nos quaes a boa-fé de muitos e o desvairamento de muitos outros nos induzem allegando necessidade de abreviar caminho, o bom senso começa a suspirar pela estrada antiga, apesar de todos os seus barrocos e asperezas; e vem a concluir que fóra de analyses scientificas, essa estrada é a unica pela qual poderemos levar a cabo a jornada, com menos probabilidades de mortificação e amudado ensejo de contentamento. Doutrinas e theorias, particularmente doutrinas e theorias politicas e economicas, são unicamente tentativas de comprehensão e systematisação de phenomenos vitaes que se operam e seguem seu curso por effeito de impulsos intimos, obscuramente conscientes, as mais das vezes mysteriosos na origem, e só manifestos e claros nas suas exigencias e affirmações concretas.

Da systematisação do passado e experimentado e sabido temos, porém, querido deduzir leis e regras para o presente e para o futuro, e é ahí que nos perdemos. E' ahí que os excessos da razão e da logica invertem as proporções e a perspectiva e nos atraçoam e enganam, bastas vezes induzindo a crêr susceptivel de dominio nosso o que apenas admite a acceitação em globo e a sujeição sem reserva. Aconselhando-nos a que façamos entrar em ordem racional a espontaneidade da ordem natural, são esses excessos que facilmente obliteram a lembrança da historia para lhe antepôr a construcção logica e syllogistica — construcção insufficiente, na melhor hypothese, e não raro abastada de erros copiosos, os quaes erros rematam em atroz desastre as esperanças mais habilmente meditadas e as intenções mais escrupulosamente purificadas.

Se queremos manter a saude dos sãos e curar os enfermos de molestias economicas, outro recurso mais seguro não haverá senão esse, muito antigo, de bater humildemente á porta daquella dispenseira soberana da felicidade que é a experiencia vivida e concreta. É da sua abundancia e generosidade que temos a implorar aquelle estado de moderada imperfeição, com a concessão do qual nos tem favorecido em momentos de mais clara inspiração e menos fundo descontentamento do que o actual, não obstante a sua opulencia e jactancia.

Kropotkine, em um dos seus livros, escreveu: — «Se quizermos saber o que a agricultura pode ser e o que se pode tirar de determinada superficie de terra, precisamos de nos informar em regiões como o districto de Suffelare, na Flandres Oriental, a ilha de Jersey, ou os prados regados da Lombardia. Ou ainda mesmo poderemos pergunta-lo aos hortelões da Inglaterra ou dos arredores de Paris, ou da Hollanda, aos

*truck farmers* (hortas) da America, etc. Enquanto a sciencia consagra quasi toda a sua attenção ás questões industriaes, um pequeno numero de devotos da terra e uma legião de trabalhadores, de quem até os nomes ficarão desconhecidos da posteridade, crearam recentemente uma agricultura nova, tão superior ao modo de cultura moderna como superior este era ao systema antigo dos trez afolhamentos. A sciencia só raramente os guiou e algumas vezes os transviou; e assim aconteceu com as theorias de Liebig, pelos seus successores levadas a extremos que nos induziram a tratar as plantas como tubos de reacção, onde se põem em contacto productos chimicos, e a esquecer que a unica sciencia capaz de estudar a vida e o seu desenvolvimento é a physiologia, não é a chimica. Só raras vezes a sciencia os guiou; procederam empiricamente.»<sup>1</sup>

Este exemplo é typico. Ponhamos economia politica onde estiver sciencia agricola, substituam-se por homens e creações ou plantas onde ellas são reduzidas á condição de tubos de laboratorio chimico, e o parallelismo das situações respectivas dos elementos em confronto será tão cingido e perfeito como identicas são as consequencias de semelhantes atropellos mortaes que por egual desnaturam em nome da sciencia a lavoura e a economia politica.



*Solvitur ambulando.* As soluções parciaes e a insinuação opportuna de aspirações alimentadas nos impulsos ingénitos dos homens e das sociedades, a que usamos dar o nome de instinctos, e na experiencia historica dos seus modos e possibilidades effectuadas no correr dos seculos e das civilisações, essa realisação fragmentaria, incompleta e contingente será ainda a unica probabilidade de resolução assisada e vantajosa dos innitos problemas que o tumulto economico moderno impõe ao nosso espirito e acção.

O radicalismo, pelo qual desastradamente se tem procurado soluções integraes e definitivas, mostra-se afinal o mais incapaz dos redemptores que nos offerecem a salvação. Por isso mesmo que é radical, presuppõe o governo de elementos simples e desconhece a complexidade das formações economicas de que uma sociedade se compõe e que entre si

---

<sup>1</sup> P. Kropotkine. « Champs, Usines et Ateliers ». Pag. 105. (P. - V. Stock; Paris, 1910).

se conjugam, não podendo prosperar isoladas, e muito menos mutiladas. Ignora a diversidade que o cerca e a condição do *rythmo*, harmonia e equilibrio de um organismo infinitamente complicado; e porque a ignora, contraria-a e fere-a, provocando a reacção de todos os impulsos opprimidos que se vingam e dissolvem o radicalismo. A solução dos conflictos presentes, ou ha de ser acto de repartição e contemporisação entre elementos activos confluentes, acto de justiça e equidade applicadas a esses elementos, tanto aos propriamente humanos como aos meramente chrematisticos, ou se, por effeito de radicalismo, se inclina ao predominio de qualquer desses elementos e á exclusão total ou parcial dos demais, logo naufraga. Nesse mesmo momento de parcialidade tornou inevitaveis as reparações dos aggravos que semeou e vae pagar, primeiro nas desordens da sua propria vida, e por fim na completa ruína das suas edificações. Onde quer que a vida se exprima, sempre e em tudo será a sua lei o *rythmo* e alternancia na sequencia, a harmonia. A boa e sã economia será tambem por sua vez um facto de belleza; do respeito das leis da belleza e sua inspiração tem dependente o exito e a felicidade.

De belleza e de humildade. «Um dos grandes beneficios da guerra de 1914, provocando fallencias innumeraveis de idéas, aspirações e instituições e respectivas constituições, foi a demonstração da fallibilidade inherente a toda a especie de ordem social, e a lição pela qual nos ensinou a contentar-nos com o limitado, pouco e defeituoso — (em economia como em tudo o mais). Ficamos desenganados de que o millenio não existe e nunca existirá. Não ha signal algum de que a natureza tenha mudado, e se alguns magicos e vagos idealistas attendessem um pouco ao que se passa ao pé da porta e usassem um pouco de bondade affectuosa, *sympathia* e complacencia com os vizinhos mais proximos, melhor seria para todos. O que necessitamos é uma universal clarividencia da nossa *fallibilidade*. Seria coisa esplendida um pouco mais de humildade miseravel, <sup>1</sup> para começo da vida nova.

Sobretudo um pouco mais de humildade intellectual, pois do castigo da soberba moral se encarregam as contingencias do destino, pela simples fatalidade das coisas quebrando toda a arrogancia. A ingenuidade e a crença do orgulho intellectual, confiando em que a intelligencia dá para tudo, mesmo para fundar na terra o reino dos céus, essas é que tão abastadas de illusões se acham que mais carecidas de correcção se tor-

---

<sup>1</sup> Hugo Walpole, na «Review of Review», de março-abril de 1921.

nam, para comprehender que o bem é coisa que neste mundo, e, particularmente, no mundo de receitas e despesas, só em parcelas se encontra. Nunca ninguém será capaz de o fundar na inteireza que a soberba intellectual sonha, na profusão das revoluções e reformas que concebe, a grande maioria das quaes tão depressa vingam como se desfazem, escarnecidas pelas ironias da vida em toda a latitude cósmica.



Pejada de complexidades e superfluidades, a economia politica moderna, theorica e praticamente, distinguu entre systemas economicos que chamaremos rudimentares e outros, maiores e mais complexos, com o seu triumpho capital em qualquer coisa que se chama a *grande industria*. E pois que existe uma economia *grande* é forçoso que haja uma economia *pequena* que se lhe contrapõe.

Mas foi mais longe a economia moderna.

Separando as duas economias, deixou que a grande esmagasse a mais pequena, e sacrificando as unidades essenciaes ao accidente de dilatação congestiva, dissolve o principio de vida pelo amor do superfluo, arruína a ponderação primitiva para dar lugar á ampliação anormal, que teve por melhoria e progresso, e assim desencadeou as tempestades e desordens economicas de que por diversos modos todos nos sentimos mais ou menos victimas.

O mais provavel, senão a unica e impreterivel logica de semelhantes tendencias, será que a separação entre a espontaneidade e o artificio, que mais claramente se manifesta na economia e na arte e nestas duas formas da actividade humana se tornou mais nociva, mortificando-nos o corpo e a alma — o mais provavel, embora menos promptamente visivel, é que este divorcio entre meros instinctos e as intenções reflectidas abranja toda a extensão mental e concreta das sociedades civilisadas e, muito especialmente, das sociedades hypercivilisadas contemporaneas.

Em toda a latitude da economia moderna se mostra este apartamento da singeleza primitiva e suas minusculas creações concretas e a complexidade deliberada e suas construcções cyclopicas; e sempre essa divisão conduz á dissolução de toda a cohesão organica da comunidade economica e lhe quebra o rythmo e a belleza. Ha e estão de ordinario em conflicto uma economia popular e uma outra que á mingua de melhor termo chamaremos aristocratica; ha uma constituição economica espon-

tanea e equilibrada de colmeias, e ha simultaneamente a constituição de tyrannias economicas em beneficio de uma casta ou de um individuo, escravizando a colmeia, absorvendo-lhe o trabalho e asphyxiando-a na dilatação de suas ambições singulares e dominio.

Divisão e opposição — final commum a todo o modo de ser das collectividades humanas: — ha uma economia da grey e uma economia formada em aristocracias; e uma arte palatina e uma arte popular; e uma historia anonyma, cuja vida é continua, quotidiana e mansa, e uma historia de eleitos, heroica, individual, feita em relampagos da inspiração e do genio singular; e haverá uma philosophia de proverbios, de verdades encarnadas na visão ingenua do mundo, expressa nas modulações da falla inculta, e uma philosophia de syllogismos postos na seccura tysica das abstracções; e ha uma theologia dos peregrinos e das ermidas, e uma theologia de catecismo e cathedra, e uma moral de preceitos e regras petrificadas, que se escrevem nos marmores, e uma moral do coração, analphabeta e mudavel que vem do nosso peito; haverá tradições desar-madas que não se decretam em mandados militarmente imperativos e sempre subsistem, e, em confronto, ha imposições que se prevalecem das espadas e nem por isso conseguem ser estaveis e duradouras — haverá, em resumo, e em todas as espheras da actividade collectiva ou singular das sociedades, reinos da liberdade e suas criações, constituidos á lei da natureza e sem mysterio, claros ressumando a força e a vida, e reinos da *invenção* e suas violencias e despotismos, constituidos á aventura e caprichos do *saber*, incertos, obscuros, por vezes tenebrosos, fatalmente eivados de caducidade e enganos. Será mesmo o conflicto dessas duas energias, disputando entre si a primazia no governo dos homens, que move nas suas profundezas o drama da historia.

O unico viatico de redempção das agonias dessa infinda tragedia, que na economia dá as angustias da tortura e debilidade do corpo e na arte importa a tristeza e o enfado, a isenção menos contingente dessas calamidades nunca pode consistir na multiplicação das *invenções*, nas quaes temos abundado e continuamos insistentemente a cogitar. Porque não se ha de curar o mal com a cultura do seu proprio germen, seja qual fôr a subtilidade e pujança das *invenções* que o genio dos philosophos architecta para acrescentar «a riqueza das nações». Essas concepções, habitualmente caiadas por fóra de brancura de boa fé e talento e illusorias esperanças, teem dado na applicação pratica apenas um nutrido sol de desenganos. Como os cogumelos, similhando a vida, formam-se da

decomposição do que viveu. A redempção das macerações de todo o genero, que nesse tumulto soffremos, será unicamente o aferro ao experimentado e provado como a menos infeliz das condições. Será a monda das hervas ruins da riqueza, liberta-la de todos os parasitismos que se apossaram do seu corpo, repôr as creações economicas na sua pristina integridade, no lugar e fórma que o ambiente cosmico lhes designou e a historia mostrou convir á sua aspiração.

Daqui uma larga revisão dos valores economicos, cuidadosamente joeirando a actualidade á luz da consciencia dos males presentes e da lembrança dos beneficios passados. Nessa lembrança é que temos a procurar aquella estabilidade, abundancia, paz e harmonia entre os homens e entre as coisas que são a substancia mãe da alegria da vida que em melhores dias sentimos — e que hoje achamos totalmente arruinada pela inquietação e interminavel descontentamento em que nos arrastamos, não obstante a actividade colossal que nos agita, doentia, desvairada e lugubre, offerecendo a jorros uma bachanal alternada de pessimismos e desesperos.

A redempção estará na restauração e respeito do commum e demonstradamente essencial e efficaz; não é objecto de milagres philosophicos. A redempção estará na fidelidade ao estrictamente commum, tão profundamente commum que sobreviveu ás vicissitudes dos annos que affrontou e aos erros do espirito e das boas intenções de melhoria que debalde quizeram destrui-lo. Em vez de invenção de panaceas de bibliotheca e respectivos artificios, o problema economico por excellencia consistirá apenas em um trabalho de eliminação do accidental e superfluo em que a nossa mal aconselhada vontade enleou a economia, e a sua immediata restituição ás formas originarias e sabidamente sadias em que a natureza e os tempos a edificaram.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA